

BIDEN INTIMIDA A CHINA, MAS NÃO VAI FUNCIONAR

Por M. K. Bhadrakumar*



Balões são muito mais baratos que os satélites, mas sua eficácia como ferramentas de inteligência é limitada. Também podem ser usados para monitorar o clima (Reuters).

O “caso do balão” poderia ser considerado um momento decisivo?

Não há dúvida de que as circunstâncias em torno do “caso do balão” entre os Estados Unidos e a China são duvidosas. O burlesco não pertence à caixa de ferramentas diplomática da China. Pequim nunca usou balões para intimidar seus adversários.

Sem surpresa, a opinião de especialistas tende a concordar em grande parte com a alegação chinesa, o que implica que Pequim não precisava recorrer a meios antiquados e difíceis de controlar, como um balão cheio de gás içado a 60.000 pés acima do solo impulsionado pelos ventos, para conduzir uma vigilância sobre os locais supersecretos de armas nucleares da América quando tem meios tão sofisticados quanto os americanos teriam para espionar outros países através de satélites. Isso parece uma justificativa crível, não?

A grande questão é: o caso do balão pode ser obra de Vayu, o deus hindu dos ventos, que na mitologia indiana também se acredita agir às vezes como o mensageiro divino dos deuses?

A sério, Pequim insiste que o balão de testes meteorológicos de uma empresa chinesa “com capacidade limitada de autodireção” se desviou muito de seu curso planejado e foi soprado por ventos para a América do Norte no início da semana passada.

Pelos detalhes disponíveis, o Pentágono estava o tempo todo rastreando o balão rebelde e, de fato, o presidente Biden foi informado, prontamente ordenou que fosse abatido, mas inexplicavelmente, nada foi feito por dias até sábado, quando o balão se afastou da Costa Leste dos Estados Unidos em direção ao vasto Oceano Atlântico, sendo derrubado em uma explosão de publicidade na mídia.

No entanto um dia antes, na sexta-feira, a Casa Branca anunciou abruptamente o adiamento de uma grande visita de dois dias a Pequim pelo secretário de Estado Antony Blinken (durante a qual ele deveria se encontrar com o presidente Xi Jinping).

Biden tomou essas medidas extremas apesar do apelo da China de que esta era “uma situação totalmente inesperada causada por força maior e os fatos são muito claros” e Pequim, de fato, até expressou “arrependimento” (o que equivale a uma *amende honorable*, como diriam os franceses.)

Além disso, houve até uma conversa na sexta-feira entre Blinken e Wang Yi, diretor do Gabinete da Comissão de Relações Exteriores do Comitê Central do Partido Comunista da China. A [transcrição de Pequim](#) observou que os dois altos funcionários “se comunicaram sobre como lidar com uma ocorrência casual de maneira calma e profissional”.

Os comunicados de imprensa iniciais do Ministério das Relações Exteriores da China ([aqui](#) e [aqui](#)) tinham um espírito manifestamente conciliatório. Mas Blinken optou por agir com arrogância e assumiu uma [postura dura](#), chamando-o de “um ato irresponsável e uma clara violação da soberania dos EUA e do direito internacional que minou o propósito” de sua próxima viagem a Pequim.

De acordo com uma [reportagem da agência de notícias Xinhua](#), o Ministério das Relações Exteriores da China expressou “forte insatisfação e oposição ao uso de força pelos EUA para atacar o dirigível civil não tripulado da China” e sinalizou que o “lado chinês havia claramente pedido ao lado dos EUA para lidar adequadamente com o assunto de forma calma, profissional e contida”.

O Ministério das Relações Exteriores da China acrescentou: “Sob tais circunstâncias, o uso de força pelos EUA é uma reação claramente exagerada e uma grave violação da prática internacional. A China salvaguardará resolutamente os direitos e interesses legítimos da empresa em questão e se reservará o direito de dar mais respostas se necessário.”

Em suma, para tomar emprestada a metáfora bíblica, “a nuvem tão pequena quanto a mão de um homem subindo do mar” acabou sendo uma torrente no caminho. É aí que mora o verdadeiro perigo. A administração Biden já está “militarizando demais” a relação EUA-China, conforme apontado cuidadosamente por Harlan Ullman, um notável autor e consultor sênior do Atlantic Council, recentemente ([Is the US over-militarizing its China strategy?](#)).

A estimativa do governo Biden é que acumulou uma ficha valiosa ao tentar colocar a China contra a parede e aumentar as tensões. Na linguagem do jogo, Biden se

considerava um “jogador em vantagem” que pode optar por não fazer nada ou jogar a ficha e correr.

O caso do balão tem potencial para ser inflado até desencadear um confronto com a China, mas Biden pode preferir usá-lo para intimidar Pequim e criar um cenário para o [pouso iminente da OTAN](#) na região da Ásia-Pacífico.

Na primeira viagem asiática do secretário-geral da aliança, Jens Stoltenberg criticou duramente a China na terça-feira, em Tóquio, por “intimidar seus vizinhos e ameaçar Taiwan” e advertir que “a segurança transatlântica e indo-pacífica estão profundamente interconectadas”.

Da mesma forma, simplesmente não pode ser coincidência que, do nada, o *The Wall Street Journal*, em uma [reportagem exclusiva no domingo](#), aparentemente não relacionada ao caso do balão, alegou que a China “está fornecendo a tecnologia que os militares de Moscou precisam para prosseguir com a guerra do Kremlin na Ucrânia apesar de um cordão internacional de sanções e controles de exportação”.

A reportagem afirma que “dados alfandegários disponíveis mostram empresas de defesa estatais chinesas enviando equipamentos de navegação, tecnologia de interferência e peças de jatos de combate para empresas de defesa de propriedade do governo russo sancionadas”.

O *Journal* baseou sua reportagem inteiramente em dados alfandegários fornecidos pela [C4ADS](#), “uma organização sem fins lucrativos com sede em Washington especializada na [identificação de ameaças à segurança nacional](#)”, obviamente perceptível como um *proxy* da inteligência dos EUA.

RIVAIS E PARCEIROS

Simplificando, Pequim está sendo ameaçada por todos os lados de que Biden teria agora a opção de reunir todo o “Ocidente coletivo” e começar a acumular sanções contra a China, mesmo que Xi Jinping mantenha a restrição estratégica de não invadir Taiwan.

Um [editorial no China Daily](#), o jornal oficial, sobre a viagem de Stoltenberg à Ásia, observa que sua tese de que a segurança transatlântica e indo-pacífica são gêmeos siameses e a proposição de que Rússia e China formam um eixo maligno que ameaça a ordem internacional baseada em regras “é algo que os estrategistas em Washington estão se esforçando para vender ao redor do mundo”.

Para coroar tudo, a visita de Stoltenberg, o caso do balão e subsequente exposição da mídia e, mais importante, a viagem de Blinken à China (onde se esperava que ele se encontraria com o presidente Xi Jinping, no que foi anunciado pelo governo Biden como um esforço para construir uma “base para o relacionamento”) – tudo isso também coincide com uma importante rodada de consultas em Moscou na sexta-feira por [Ma Zhaoxu](#), que foi recentemente promovido a um cargo ministerial pleno para supervisionar os assuntos diários do Ministério das Relações Exteriores da China.

A [transcrição do Ministério das Relações Exteriores da Rússia](#) (em russo) sobre as consultas de Ma em Moscou afirmou que os dois lados “consideraram cuidadosamente” sua cooperação bilateral na área da ONU – Ma é um ex-enviado para a ONU – e continuou dizendo que ele e seu colega russo, o vice-chanceler Sergey Vershinin, “prestaram atenção especial às tentativas persistentes de representantes de alguns países de minar a autoridade da ONU usando sua plataforma para pressionar estados soberanos, bem como criar mecanismos alternativos e inclusivos fora da estrutura da Organização em alinhamento com o conceito de uma ‘ordem mundial baseada em regras’”.

Outra reunião do embaixador Ma com o vice-ministro das Relações Exteriores russo Andrey Rudenko “avaliou muito” as relações sino-russas, confirmou “o compromisso mútuo com o desenvolvimento gradual” e discutiu as “perspectivas de expansão dos laços bilaterais em 2023” ([aqui](#)).

O ministro das Relações Exteriores, Sergey Lavrov, também recebeu Ma Zhaoxu. Notavelmente, o [comunicado de imprensa do Ministério das Relações Exteriores da Rússia](#) destacou que “eles observaram sua rejeição a políticas de confronto, bem como tentativas de países individuais de interferir nos assuntos internos de outros estados ou de restringir seu desenvolvimento impondo sanções e outros métodos ilegítimos. Os altos-funcionários reafirmaram sua intenção de defender a soberania, a segurança e os interesses de desenvolvimento dos dois países e de construir juntos uma ordem mundial multipolar mais justa e democrática”.

Evidentemente, o governo Biden percebeu que um dos principais objetivos da viagem de Blinken a Pequim – ou seja, enfraquecer o eixo sino-russo – seria um fracasso. Os esforços sustentados dos EUA para transformar o conflito na Ucrânia em ferramenta para sabotar as relações China-Rússia falharam espetacularmente. Os laços econômicos e militares entre Pequim e Moscou estão cada vez mais fortes. A esperada visita do presidente Xi Jinping à Rússia na primavera anuncia a trajetória ascendente constante da parceria “sem limites”.

Lavrov capturou a energia da parceria russo-chinesa quando [disse em uma entrevista na TV](#) na sexta-feira que “embora não criemos uma aliança militar, nossas relações são de qualidade superior às alianças militares em seu sentido clássico e não têm fronteiras ou limites. Também não há tópicos tabus. São de fato as melhores da história da União Soviética, da República Popular da China e da Federação Russa”.

Na realidade, a Rússia e a China estão agindo de maneira otimizada de acordo com seus interesses nacionais. Assim, a Rússia vê os EUA como um “inimigo” que (tolamente) procura a sua destruição e desmembramento, enquanto os EUA, para a China, não passam de um rival e potencial adversário. Um especialista em Moscou, Dmitri Trenin, captou as nuances sutis recentemente quando escreveu:

“Isso não é suficiente para formar uma aliança militar entre Moscou e Pequim. A China naturalmente valoriza seus interesses econômicos nos mercados americano e europeu, e Pequim pode mudar de ideia em favor de uma aliança militar apenas se Washington se tornar seu inimigo. Apenas pelo bem da Rússia, a China não está disposta a dar esse passo”.

O caso do balão pode ser considerado um momento decisivo. Ele expõe que enquanto a China estava abordando a visita de Blinken de boa fé com o propósito de encontrar formas construtivas de avançar, Washington não via as coisas da mesma maneira. Dito isso, Pequim também não tinha ilusões. Um recorte de vídeo da CGTN na sexta-feira foi intitulado *Blinken's visit to China: A candid talk or political tactics?* (assista em <https://youtu.be/lyJ1SDbOaas>).

Publicado no [Indian Punchline](#).

**M. K. Bhadrakumar foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afeganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.*
